



*Estética da fotografia: perda e permanência, de François Soulages.
Tradução de Iraci D. Poleti e Regina Salgado Campos.
São Paulo: Editora Senac, 2010. 383 p.*

Fotograficidade: a perda e a permanência na estética fotográfica

Fabiana A. Alves *

Pretendendo fundamentar na razão uma estética da fotografia, em 1998, François Soulages lançou, na França, o livro *Estética da fotografia: perda e permanência*, sob o título original *Esthétique de la photographie: la perte et le reste*. Somente em 2010, a obra foi traduzida e publicada no Brasil pela Editora Senac, de São Paulo.

François Soulages é professor doutor da Universidade Paris VIII e do Instituto Nacional de História da Arte. É responsável por vários grupos de pesquisa, como o *EA 4010*, o *Arts des Images & Art Contemporain* (AIAC) e o *Recherches Esthétiques & Théorétiques des Images Nouvelles & Anciennes* (RETINA). Também é vice-presidente do *Observatoire International du Corps Transformé* (OICT).

Segundo Soulages, o livro oferece uma visão global dos problemas suscitados por uma estética da fotografia¹ e reflete sobre uma realidade que pertence à esfera da arte. Trata-se de uma estética própria, que leva em conta tanto o fazer como o receber uma imagem, uma estética fotográfica única que abrange várias vertentes da fotografia, independente da função. Para isto, discute a ontologia da imagem fotográfica, desde o ato fotográfico até a recepção das imagens, e se baseia na análise dos trabalhos de diversos fotógrafos e em conceitos da filosofia – sobretudo – e da psicanálise. Mesmo discutindo muitas obras fotográficas, apresenta apenas 16 fotografias, expostas na capa, na introdução, na abertura, na conclusão e uma em cada capítulo.

* Jornalista e historiadora. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Especialista em Fotografia pela mesma instituição. Bolsista Capes.

¹ Soulages se apropria de uma convenção terminológica para distinguir fotografia de foto. A primeira é o procedimento, a técnica, a arte fotográfica, já a segunda é a fotografia em sua materialidade, é “a imagem material obtida por meio de um procedimento fotográfico” (p.11). Esta terminologia também será empregada neste texto.

A obra de Soulages é organizada, além da introdução e conclusão, em três momentos, todos subdivididos em quatro capítulos. O primeiro, intitulado *Do real à fotograficidade*, discute o objeto fotografado e quebra inúmeros clichês da fotografia. O autor afirma que o objeto é infotografável e que se busca o fenômeno fotográfico, assim questiona a relação entre a fotografia e o real. Para ele, é o afastamento do realismo que propicia a aparição de novas estéticas e inversão de outras, como a do “isto existiu” para o “isto foi encenado”. Anuncia a possibilidade de três estéticas setoriais: a da *encenação*, a da *ficção* e a do *referente imaginário*. Apesar de romper com algumas “certezas” que envolvem a fotografia, o mais interessante e contributivo do primeiro momento do livro – e, possivelmente, da obra no todo – é a proposta de um novo conceito, a *fotograficidade*. Esta concepção trata do que pertence, especificamente, à esfera do fotográfico e, por este motivo, será melhor explicada mais adiante.

O segundo momento (*A obra fotográfica*) versa sobre como a obra fotográfica pode transitar entre diferentes estéticas, como fotos de documentos de denúncia, por exemplo, podem se tornar arte. A síntese desta questão é muito bem realizada na epígrafe: “Toda fotografia pode ser considerada sob o ângulo do documento ou sob o ângulo da obra de arte. Não se trata de duas espécies de foto. É o olhar de quem a considera que decide” (p.159)². Segundo Soulages, esta transferência do sem-arte – aquilo que não é feito com uma pretensão artística (caso da maior parte das fotos) – em arte é específico da fotografia. O autor traça as relações que podem existir entre o mundo da obra e o mundo comum, identificando as diferentes modalidades que possibilitam a transformação da foto em obra fotográfica. Evidencia como a obra pode ser crítica da realidade, das representações e da própria arte.

A discussão abre a possibilidade da estética do “ao mesmo tempo”, que, de acordo com Soulages, é a única que permite englobar, “num mesmo movimento de pensamento, a pluralidade, a diversidade e

² Jean-Claude Lemagny, em *Enrichir, conserver, communiquer*, conferência realizada no VI *Rencontres Photographiques en Bretagne*, em 15 de novembro de 1987. O texto não foi publicado, segundo Soulages.

a aparente oposição das obras, dos estilos, das posturas, das correntes, das orientações e das opções fotográficas” (p.344), além de permitir se aproximar da fotograficidade e da relação problemática e enigmática da fotografia com o real. Frisa, contudo, que esta estética não deve significar um universalismo sem rigor. Deve ser “instrumento de um pensamento dialético que descobre a razão da totalidade diferenciada da pesquisa fotográfica na própria essência da fotografia” (p.234), uma vez que toda foto é, concomitantemente, autônoma e foto de alguma coisa que deve ser imaginada e pensada. “Uma filosofia da fotografia só pode ser dialética, e sua estética só pode ser a do ‘ao mesmo tempo’”, sentencia Soulages (p.348) na conclusão.

Já no último momento (*A arte fotográfica*) compreende o lugar da arte fotográfica na arte contemporânea. Para tal, entende quais relações a fotografia estabelece com outras artes. Isto acontece de quatro modos: a cocriação (com outra arte, criação em parceria com outra linguagem), a transferência (de outra foto para uma realidade classificada como artística), a referência (para outras artes e estas para a fotografia) e o registro (não é apenas um meio, torna-se a fim em si, tomando uma posição central na arte contemporânea). Soulages aponta que “a fotografia em sua totalidade mostra, assim, estar no cerne da arte contemporânea, e até, de certa maneira, ser seu próprio cerne” (p.345). A fotografia não é só um meio de reprodução das obras de arte e das atividades que estão ligadas à arte, mas pode se tornar ela própria arte ou atividade artística.

É a particularidade da fotografia que permite esta inserção e o relacionamento com as outras artes, propõe Soulages. Por isto, a necessidade de dominá-la e de haver uma estética própria à imagem fotográfica. Questionando o que é uma foto, o que faz com que uma coisa seja uma foto e o que numa foto pertence à esfera da fotografia, Soulages cunha o conceito de *fotograficidade*. Este, segundo o autor, designa o que é fotográfico na fotografia e a propriedade abstrata que faz a singularidade do fato fotográfico.

Soulages aponta que uma foto é feita em três etapas: o ato fotográfico, a obtenção do negativo e o trabalho com o negativo. Apesar de a análise fotográfica poder ser feita a partir do vivido pelo sujeito fotógrafo (abordagem *humanista*) e do processo fotográfico (abordagem *materialista*), o autor acredita que a segunda se revela mais operante, uma vez que o homem se confronta, em dois momentos, com o material fotográfico. Trata-se da *obtenção generalizada do negativo* – as seis operações que vão da primeira exposição à secagem do negativo – e do *trabalho com o negativo* – as seis operações que vão da segunda exposição à secagem da foto.

Nos dois procedimentos se obtém uma coisa que será fixa de modo definitivo: em um, o negativo e em outro, a foto. Porém, estes se distinguem fundamentalmente ao modo de ser. O primeiro é marcado pela *irreversibilidade*, “uma vez realizado, o ato fotográfico é irreversível, não se pode mais agir como se ele não existisse” (p.131), o filme não é mais virgem, mas exposto e as cinco etapas (revelação, banho interruptor, fixação, lavagem e secagem) são irreversíveis. A partir do negativo, pode-se fazer um número infinito de fotos diferentes ao intervir de maneira particular em cada uma das seis etapas (exposição, revelação, banho interruptor, fixação, lavagem e secagem). Trata-se de *inacababilidade*, “o trabalho com o negativo é inacabável à medida que pode sempre ser retomado e realizado outra vez, e isto de maneira potencialmente diferente” (p.131).

Para Soulages, a fotograficidade é, portanto, a articulação do irreversível e do inacabável, é a articulação entre o que se perde e o que permanece.

Perda das circunstâncias únicas que são a causa do ato fotográfico, do momento desse ato, do sujeito fotografado e da obtenção generalizada irreversível do negativo, em suma, do tempo e do ser passados. Permanência constituída por essas fotos que podem ser feitas a partir do negativo (p.132).

As duas práticas, aponta Soulages, implicam engajamentos opostos: uma luta contra o passar do tempo e a outra contra o eterno retorno; uma

nunca pode realizar a mesma coisa, já a outra sempre pode fazer a mesma coisa, mas é instada a fazer outra.

Na discussão sobre fotograficidade, Soulages se debruça predominantemente sobre o negativo e pouco se dedica a imagem digital. Quando o faz, lembra que para as primeiras fotos, como as de Niépce, ou para os raiogramas, o trabalho com o negativo não existe porque não há negativo. Havia somente o *irreversível* e, com ela, a *estética do vestígio*. Por sua vez, na imagem digital, o equivalente ao negativo é a digitalização da imagem e a sua exploração é como a do negativo, na ordem do *inacabável* e da *estética do traçado*. A imagem digital permite um aproveitamento prático e estético complexo e rico. “A estética digital é uma estética de hibridação com potencialidades infinitas; ela opera numa cultura da hibridação, numa nova ordem visual e numa nova maneira de produzir, de comunicar e de receber imagens” (p.134).

As consequências das propostas referentes à fotograficidade podem ser o fortalecimento de variadas estéticas, como a *dos possíveis*, a *da imagem de imagens e dos avatares*, *do misto e das recepções inacabáveis*. Soulages explica que a fotograficidade é fundamentada em uma tríplice estética: a *estética do irreversível*, a *do inacabável* e a *da articulação do irreversível e do inacabável*.

Segundo Soulages, é a fotograficidade que proporciona a singularidade de fotografia. Nas artes da imagem, por exemplo, parece que não há nada semelhante, em especial quando se pensa no inacabável. A pintura é única, não há matriz material da qual se possa produzir quadros diferentes; na gravura não há irreversibilidade e trabalha pouco com a inacababilidade. Já o cinema e o vídeo também não são compatíveis com a fotografia, pois o inacabável da fotograficidade é relativo ao trabalho com o negativo e não à recepção, como acontece nestes meios. “A fotografia aparece, portanto, particularizada” (p.143).

O conceito cunhado por Soulages designa um paradigma que possibilita conhecer o que é uma foto e quais são as condições específicas de sua produção. É graças à fotograficidade que a especificidade da fotografia pode ser pensada, pois é no interior desse paradigma que

qualquer foto pode ser concebida. Desta forma, esse paradigma é uma condição absolutamente necessária para a compreensão das fotografias e das suas funções e é a partir deste conceito que Soulages calca os principais elementos de sua argumentação.

Entender as particularidades da fotografia e conceber a ela uma estética própria, derrubando alguns clichês que a cercam, é fundamental para o desenvolvimento teórico da área. E a obra de Soulages contribui – e muito – nesta questão. É um trabalho referencial para pensadores da fotografia e da arte contemporânea, um excelente recurso para incentivar a reflexão sobre o mundo fotográfico, desde que se saiba explorar suas perdas e permanências.